

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

A senadora
contra-ataca

Líder da oposição no Senado, Heloísa Helena profissionalmente considerou adequada a decisão do PT de não apresentar mais o pedido de abertura de processo para a cassação do mandato do senador Antonio Carlos Magalhães, por quebra do decoro parlamentar.

Pessoalmente, porém, a valentíssima alagoana que, como ela mesmo diz, não é “nada civilizada segundo os padrões da moral burguesa”, não desistirá de se confrontar com ACM.

Primeiro, foram as declarações de que ela teria votado contra a cassação de Luiz Estevão e, depois, foi uma declaração do senador num jornal baiano, segundo as quais Heloísa Helena “tem ladrões na família”.

Quanto à afirmação inicial, embora o senador tenha desmentido, a senadora reconhece que o dano à sua imagem está feito e que isso só será corrigido depois de uma investigação profunda no curso da qual ela defende que seu voto seja aberto para conhecimento público.

Ao mesmo tempo, Heloísa Helena inicia os trâmites para processar ACM por calúnia, injúria e difamação.

Mas ela não vai parar por aí. Na semana que vem, assim que Antonio Carlos voltar ao Congresso, a senadora pretende enfrentá-lo no plenário. Fará um pronunciamento – “e para isso quero que o pusilânime esteja presente” – desafiando a que ele aponte o nome do ladrão ou dos ladrões que diz integrarem a família da senadora.

“Na minha família tem de tudo, naquelas áreas que são alvos de preconceito: negros, homossexuais, analfabetos, pobres, todos merecem de mim o maior carinho e respeito. Mas, se tem uma coisa que não existe por lá, é ladrão. Inclusive porque minha família optou pela fome e pelo quarto de empregada justamente para nunca correr o risco de ser comparada aos ladrões com que ele (ACM) está acostumado a conviver.”

Sendo assim, “eu desafio o senador para que ele use o notório saber que adquiriu no covil de ladrões tolerados que frequenta, para apontar o nome de um só ladrão na minha família”.

Esse desafio Heloísa Helena lançará do plenário do Senado, onde pretende fazer um embate meramente verbal. Aliás, tem sido muito aconselhada nesse sentido, dado que na semana anterior ao carnaval, quando foi divulgado o teor da conversa de ACM com os procuradores de Brasília, o temperamento da senadora a impelia para atos mais agressivos.

**Heloísa Helena
promete enfrentar
Antonio Carlos
semana que vem no
plenário do Senado**

“Hoje acho bom que ele não estivesse aqui, porque eu não ia agüentar. Sou destemperada mesmo e não acho que tenha obrigação de aceitar difamações de quem quer que seja.”

Embora continue altamente indignada com a situação e, a despeito dos desmentidos, ainda nutra a desconfiança de que ACM efetivamente disse o que diz que não disse, Heloísa Helena afirma que “como parlamentar” concorda com a desistência do pedido de cassação patrocinado pelo PT.

E por dois motivos: “Primeiro, porque com a inexistência da fita, não temos um instrumento jurídico perfeito como tínhamos no caso do Luís Estevão com o relatório da CPI do Judiciário. Agora ficou a palavra de um procurador contra a palavra de um senador.”

O segundo motivo que faz a senadora apoiar a posição de seu partido, é político. “A oposição não poderia ser usada nesse processo”, diz, referindo-se ao fato de que o governo iria utilizar o processo de cassação para deixar ACM na defensiva.

De qualquer modo, ela espera que, seja na CPI mista que o PT propõe para aprofundar o caso Eduardo Jorge e investigar todas as acusações feitas entre parlamentares governistas, seja no Conselho de Ética do Senado, o caso da suspeita sobre seu voto venha a ser esclarecido.

“Numa acareação entre o pusilânime (ela não pronuncia o nome de Antonio Carlos) e o procurador Luiz Francisco, a verdade vai aparecer.”

A senadora concorda que ficou no ar uma suspeição residual a respeito da sua conduta na sessão que votou a cassação de Luís Estevão. “Não entre as pessoas que me conhecem. Em Alagoas, até meus adversários me defenderam. O problema é que os efeitos de um boato têm uma dinâmica toda própria.”

Por isso é que Heloísa Helena espera que haja uma maneira de exibir o voto que deu naquele dia. Mas, mesmo tendo essa compreensão a respeito da desconfiança de alguns setores, ela não entende como não se questiona então qual seria a motivação para que tivesse dado um voto favorável a Luís Estevão.

“Eu ganharia o quê com isso, será que as pessoas não se fazem essa pergunta?”

A senadora também não aceita algumas análises de que talvez ela tivesse errado na hora de votar. “Isso é impossível, porque, além de conhecer o regimento muito bem, a questão não implicava nenhuma interpretação dúbia. Mas, ainda que o erro fosse na hora de digitar o voto, eu não poderia trocar o sim pelo não. São três botões, e o que está mais perto do sim é o da abstenção. Portanto, em caso de erro, que não houve, eu teria no máximo votado pela abstenção.”